3 1761 06553434 9

BRIEF
BJ
0020505

CONGRESSO MAÇ.·. NACIONAL

Porto, Maio de 1914

I TESE

A Moral Social

RELATOR

J. Cardoso Gonçalves

LISBOA
TIPOGRAFIA BAYARD
106, Rua Arco do Bandeira 108
1914

CONGRESSO MAÇ.·. NACIONAL

Porto, Maio de 1914

I TESE

A Moral Social

RELATOR

J. Cardoso Gonçalves

LISBOA
TIPOGRAFIA BAYARD
106, Rua Arco do Bandeira, 108
1914

20505

THESE I

A Moral Social

O darwinismo, na segunda metade do seculo XIX, pareceu vir dar razão á extrema teoria individualista, que limitava a ação do Estado ao papel de puro vigilante da Ordem e mero espectador das lutas economicas. Era — sob um aspéto scientifico — um neo-imperialismo que surgia.

A teoria darwinista convinha perfeitamente á ambição ingleza, que assim via acobertada—sob uma feição scientifica—a sua ambição de paiz, que queria conquistar a hegemonia sobre todos os povos da terra.

¿Mas o darwinismo poderia aplicar-se integralmente ao fenomeno social?¿ Sendo a *Sociedade* uma sintese, no *composto* não se encontrariam nela qualidades inexplicaveis pelos antecedentes biologicos e não reductiveis a estes? ¿Seria na verdade a *Sociedade* um organismo, no qual teriam efeito as leis da concorrencia e da seleção natural?

Estas duvidas appareciam a muitos espiritos servidos — de mais em mais — pelos progressos inconcebiveis da Sciencia.

Pondo de lado a formula hipotética da seleção natural para explicar a transformação das especies, e a preocupação, por demasiado simplista, de aplicar ao fenomeno — *Sociedade* — esta teoria; examinando sob outra face os aspétos mais reconditos do que chamamos—*Natureza* — principalmente os aspétos que revelam a interdependencia de todas as cousas, de todos os seres e de todas as forças naturaes: os filo-

sofos chegaram a outra concéção unitarista, que se resume numa eloquente palavra—*Solidariedade.*

«Á luta pela existencia opoz-se a solidariedade dos seres» diz Léon Bourgeois no seu livro excelente —La Solidarité.

A *Sciencia* colocou o homem no seu verdadeiro logar. Não é já o *rei da creação*, para o qual todas as cousas foram feitas. Não é já *o pecador*, aquele para quem um Ente supremo destina o premio ou o castigo nas regiões celestes. E' um ser submetido a relações de dependencia reciproca, que o ligam aos seus semelhantes, á raça a que pertence, ao meio terreste e cósmico.

«Vive—diz Léon Bourgeois—e a sua saude está ameaçada constantemente pelas doenças de outros homens que poderá contrair; trabalha e, pela divisão necessaria do trabalho, os produtos da sua actividade aproveitam a outros, como o producto do trabalho dos outros é indispensavel á satisfação das suas necessidades; pensa—e cada um dos seus pensamentos reflecte o pensamento dos seus semelhantes, no cerebro dos quaes vae por sua vez reflectir-se e reproduzir-se; é feliz ou sofre, odeia ou ama, e todos os seus sentimentos são os efeitos ou as causas dos sentimentos conformes ou contrarios, que agitam ao mesmo tempo todos esses homens, com quem está em relações de perpetua troca. Assim, em todos os instantes, cada um dos estados do seu *eu* é a resultante de inumeraveis movimentos do mundo que o rodeia, de cada um dos estados da vida universal.

«E não basta considerar o laço da solidariedade, que une o homem ao resto do mundo em todos os momentos da sua existencia. Este laço não reune sómente todas as partes do que co-existe numa hora dada; reune egualmente o que era hoje e o que era hontem, o presente e o passado, como reunirá o presente e o futuro. A humanidade—diz-se já e com justeza—é composta mais de mortos do que de vivos; o nosso corpo, os produtos do nosso trabalho, a nossa linguagem, os nossos pensamentos, as nossas instituições, as nossas artes, tudo é para nós herança, tesouro lentamente acumulado pelos antepassados. Uma

geração nova chega á vida—e nos movimentos, nas paixões, nas alegrias e dores que a agitam em todos os sentidos, durante as limitadas horas da sua existencia, misturam-se, entrechocam-se ou equilibram-se todas as forças do passado, como nos jogos de luz onde se irisa a quasi imponderavel escuma das vagas —na superficie do mar—se chocam e se quebram as imensas correntes das profundidades, pulsações ultimas da gravitação dos astros.

«Assim os homens estão, entre si, colocados e retidos nos laços de dependencia reciproca, como o estão todos os seres e todos os corpos, sobre todos os pontos do espaço e do tempo. A lei da solidariedade é universal .....»

Não poderiamos encontrar confirmação mais eloquente do principio que estabelecemos—quando ignoravamos ainda este livro superior—ao delinear a tese proposta ao recente Congresso Internacional do Livre Pensamento=*A Moral na Escola*.

Diziamos nesse trabalho:

«Um dos factos que a observação nos leva a descobrir na trama da Historia, é a interdependencia das forças que impulsionam a Humanidade para um progresso indefinido.

«Esta interdependencia, porem, não aparece só no mundo social. Observando mais profundamente vê-se que existe por toda a parte, no mundo organico como no mundo inorganico. Observa-se ainda que a mesma interdependencia não se circunscreve, mas abrange tudo quanto os nossos sentidos podem perceber. E' de acreditar tambem que envolva tudo quanto está, por emquanto, fóra da observação directa.....»

Essa interdependencia das forças naturaes é—*a Solidariedade*.

Mas é forçoso que a *ideia*—solidariedade se transforme em *sentimento*—solidariedade, para que possamos encontrar no solidarismo a base scientifica duma moral social.

Obrigados a abandonar a velha teoria religioso que punha na sanção extra-terrena o criterio unica

para avaliar a conduta do homem; pondo de lado a extrema preocupação individualista:—pensamos que a base etica deve ser colocada muito alto, acima até da noção de humanidade, no sentido que estamos procurando definir.

Não. Não nos devemos determinar pelo acanhado criterio da existencia dum ou mais juizes supremos, apreciando—em tribunal supremo—a nossa bondade ou maldade; mas pela ideia de que somos apenas um élo da longa cadeia, que nos prende a tudo quanto existe. Evidentemente, ha aí uma harmonia, um equilibrio. Manter esse equilibrio e harmonia será o primeiro dever, o mais alto dever moral.

Aos espiritos medios não bastará a reflexão para atingir esta verdade: necessitarão do concurso da *Arte*.

Não se conclua das nossas palavras que rejeitamos por completo a ideia de que o interesse do individuo deve ser afastado e considerado como *amoral*.

Como unidade social o individuo tem o dever de aperfeiçoar-se, de ser *egoista*. Mas o *egoismo* que defendemos, na opinião d'um pensador,... «é já *altruismo*, a consciencia individual envolvendo as gerações anteriores, os seus educadores, os seus contemporaneos. Por outro lado, o *altruismo*, como subordinação do individuo aos interesses da colectividade, é o egoismo no ser colectivo. Na consciencia do *eu* entra já a ideia de *outrem: outrem* é parte integrante do *eu*. Esta verdade não é geralmente visivel, porque se confunde o indivíduo organico, factor da socialidade com o *individuo social* produto da *Sociedade*. Ha pois identidade entre egoismo e altruismo, como entre o quente e o frio, a luz e as trevas, o solido e o fluido, binarios em que a sciencia infantil viu antinomias tão tragicas, como o é para os moralistas a do bem e do mal, e que uma sciencia mais bem informada considera como gráus apenas da mesma energia fisica...»

O primeiro dever é, portanto, aperfeiçoarmo-nos, desenvolvermo-nos.

O que dizemos do individuo, dizemos da nação.

Dentro da variedade de grupos que povoam a terra, o *egoismo* continua a compreender-se como tendo por fim o aperfeiçoamento de cada parcela, destinada a integrar-se na futura *sociedade universal*.

Não nos cumpre discutir aqui se este ideial representa um sonho irrealizavel. Entendemos que, verdade ou sonho, ele deve apresentar-se, para ter toda a eficacia, como um principio linear, fóra — n'este momento — de todas as controversias. E' o limite para que tendemos, o estimulo etico que justificará os nossos esforços e sofrimentos. Para que chegassemos á civilisação de hoje foi preciso que outras gerações sofressem martirios inconcebiveis. Gozamos de vantagens para que não concorremos. Nascendo, somos já *devedores*. ¿Como deveremos pagar a nossa divida? *Aperfeiçoando nos* para que nos convertamos em excelentes trabalhadores; e depois—*sacrificando-nos* pelas gerações de amanhã para que elas por sua vez encontrem uma civilisação mais perfeita. Este carretear de materiaes, em que andamos empregados, aumentará indefinidamente o monte das conquistas do homem sobre o meio cosmico—preparará o progresso, que no final desabrochará em toda a sua plenitude na *edade de ouro*, em que a Humanidade viverá em perfeita comunhão de interesses, tendo realizado a *Sociedade perfeita*. Eis o tema para as idealisações da *Arte*, agora chamada a reprezentar um papel primacial no campo da pura etica.

A *Arte* constitue o processo pratico para se chegar ao fim moral: a influencia sobre os caracteres individuaes, levando-os á satisfação dos interesses superiores da Cidade, da Nação, da Humanidade.

Estes principios teoricos são perfeitamente identicos aos que já defendemos noutra conjuntura.

Julgamos que a influencia moral não póde ser exclusivamente reivindicada pelas religiões, como um privilegio adstrito á sua ortodoxia.

Observando, com efeito, os factos historicos somos levados a acreditar que nenhuma religião póde reclamar o exclusivo moral.

O advento do catolocismo em nada modificou os

habitos desregrados do povo romano, como o paganismo não conseguira evitar a decadencia do Imperio pela perversão dos costumes. A decadencia portugueza no seculo XVI e seguintes, apressada pelo dominio dos jesuitas no campo do ensino publico, não póde ser justificada pelo facto de a religião ter perdido o seu prodominio nas consciencias. Pelo contrario, ao abastardamento dos caracteres, á felonia dos traidores fidalgos vendidos ao inimigo da patria, á perversão dos costumes, correspondeu em Portugal um recrudescimento da fé religiosa. Nunca se rezou tanto como no seculo XVIII, mas nunca o caracter nacional foi mais maleavel, mais dubio, mais pusilanime, parecendo ter perdido aquela tempera do dos homens do seculo XV.

Estamos, pois, convencidos de que se póde educar moralmente fóra dos templos.

Fóra da influencia do sectarismo religioso ha uma moral social—a da *Solidariedade*—cujo ambito excede a concéção mais avançada.

Só com o desenvolvimento da Sciencia poderiamos ter chegado a verificar este principio.

Emquanto as religiões reveladas nos prometem um premio ou um castigo extra-terreste, atraindo o olhar apenas para essa região ideial, onde julgamos existir o principio supremo, fazendo-nos esquecer — tantas vezes! os laços que nos prendem aos nossos irmãos, ás nossas familias á nossa terra; emquanto elas nos desviam frequentemenie dos interesses da colectividade humana, arrebatando-nos ás preocupações materiaes de cada dia mas fazendo-o á custa da liberdade moral, porque os principios que nos inculcam veem sempre inquinados do espirito de autoridade, que não se discute, que se baseia exclusivamente no misterio e no milagre: os principios da *Solidariedade* prendem-nos a este mundo, ligam-nos aos seres e ás cousas que condicionaram a nossa existencia, conduzem-nos a esta ideia sublime de que fomos nós—os homens—os fautores da civilisação, de que todos os nossos progressos, nas sciencias, nas artes e industrias, foram conseguidos porque o esforço de cada um, por mais isolado que parecesse encontrar-se, não se perdeu, antes se juntou a outro e a outro, e assim su-

cesivamente, até se chegar ao instante actual com a consciencia de que estamos em pleno triunfo, em pleno progresso...

Sobre o problema social da educação realizou em tempos o sr. dr. José de Magalhães uma notavel conferencia (na Academia de Estudos Livres), em que encontramos pontos de vista identicos aos nossos.

Dizia ele:

«As nossas ideias moraes acham-se actualmente em indecisão profunda. Isto provêm de que a moral antiga estava como que soldada ás crenças religiosas e, desde que estas se desmoronaram, aquelas, seguidamente, desagregaram-se; e como a moral nova, que tem de ser a expressão do conhecimento claro das leis sociologicas, ainda não teve tempo de se formar, daí o mal estar actual. A moral metafisica—a moral do *imperativo categorico*, como as outras—não fez senão reproduzir sob formas novas a velha moral teologica. Os espiritos mais ousados, que não recuaram deante da ideia de Deus, estacaram tornados dum pavor sagrado deante da noção do Dever moral. Só ha bem pouco tempo alguns raros irreverentes—entre eles o formidavel vidente Frederico Nietzche—se atreveram a encarar o terrivel problema do Bem e do Mal, a perscrutar a génese destas duas ideias e a proclamar o vasio da antinomia sessenta vezes secular. Roberty continua a tarefa do extranho filosofo polaco. E nós vêmos despertar vagamente a moral nova, imoralidade de hoje.

«Inversamente, as virtudes e as qualidades normaes de hoje serão vicios ou anomalias amanhã.

«A humildade, base da moral christã, que outra cousa não é senão o servilismo. a receptividade passiva dos espiritos incapazes de fazerem a analise critica da autoridade imposta sem razões, será considerada como um vicio. A modestia tal como cada um exige dos outros é uma mentira e a mentira será na moral nova o mais repugnante dos vicios. A modestia mais não deverá ser senão uma outra forma da verdade e da sinceridade: não procurar alguem fazer

crer aos outros que vale mais do que aquilo que realmente vale, que possue qualidades que não tem.

«O rancor, sobrevivencia da vingança que nos tempos de luta da animalidade humana representava a reação natural do atacado contra o atacante— analoga á reação biologica do ser vivo contra o meio— deverá desaparecer como inutil e prejudicial ao proprio individuo ferido, por acrescentar á ferida, que já é um mal, o pensamento impotente dum mal, que se desejaria poder fazer, o que é um novo mal, um abaixamento da personalidade psiquica.

«Os estoicos presentiram a verdadeira etica e póde-se dizer que o que ha de verdadeiramente grande em moral na historia da humanidade se deve á moral estoica.

«Não é facil dizer nos seus pormenores o que será a etica futura, mas póde dizer-se já que entre as virtudes primarias estarão a coragem moral e a coragem logica: a coragem moral—a qualidade de suportar, ou de não procurar evitar as justas consequencias dos nossos actos e da nossa natureza fisiopsiquica, quaesquer que elas possam ser: a coragem logica, hoje extremamente rara—a qualidade de olhar em frente a verdade, por mais terrivel que ela nos pareça, de não recuar ante a analise de quaesquer ideias, ainda quando daí possa sobrevir o desmoronar das nossas crenças mais caras.

«Acima de todas as virtudes a moral nova colocará a liberdade e a justiça, aquela não podendo existir sem esta. Aquele que não é justo não é livre, porque obedeceu a alguma imposição ou sugestão de paixões inferiores que o levaram a cometer a injustiça. Acima, pois, de tudo, a justiça moral e o livre desenvolvimento da vida ideologica. A ideia da justiça reparativa substituirá a noção vaga e irreflectida da caridade. O que hoje se chama esmola e tem um caracter de arbitrio, será amanhã restituição e terá o caracter de justo.

«Dever moral será sinonimo de altruismo, de socialidade.

«O dever não será, pois, unico e imutavel, mas diverso para cada individuo — neste sentido que,

quanto mais alta fôr a condição social, tanto maior será o dever—o dever de contribuir para o melhoramento fisico, intelectual, estético e moral, dos que se acham em condições inferiores...»

Detivémo-nos na citação das palavras do notavel pensador, porque elas nos foram o primeiro estimulo para o estudo desta importante questão.

Os principios expostos com tanta clareza compreendem-se na teoria scientifica do solidarismo.

Profundando até as bases de tal concéção, nós vemos, com efeito, que a moral social é susceptivel de sucessivas transformações, correspondentes a um mais completo conhecimento da interdependencia das forças naturaes e sociaes. Á maneira que fôrmos estabelecendo maior numero de *relações* de conhecimento com tudo o que nos rodeia e condiciona a existencia, os laços da solidariedade apertar-se hão de mais em mais estabelecendo novos principios eticos, hoje imprevisiveis.

Nesta luta pela conquista da verdade haverá — sem duvida — muitas quedas bruscas, revivescencias de idealismos religiosos e historicos, mas a *Sociedade* caminhará cada vez mais desafogada de preconceitos.

A proclamada falencia da Sciencia, o resurgimento dum neo—catolicismo, a combativa teoria nacionalista na sua formula monarchico — religiosa: são na França os casos tipicos, que revelam a organisação das forças reacionarias. Esta corrente tem já um filosofo—Bergson—que na sua catedra do Colegio de França fala a um publico de *snobs*, afirmando atrevidamente a superficialidade da Sciencia e a subalternisação da Inteligencia.

Não nos iludamos: a teoria ha de chegar até nós, porque todas as modas de França nos batem á porta, e ha de produzir o seu efeito—um desnorteamento dos espiritos, uma indecisão na ação. Urge que estejamos precavidos contra a *epidemia* contrapondo-lhe a teoria scientifica da solidariedade, á sombra da qual poderemos organisar os nossos processos educativos.

No estudo apresentado ao ultimo Congresso Internacional do Livre Pensamento considerámos o negati-

vismo de certas forças naturaes e sociaes e sobre ele expusémos a nossa opinião nas seguintes palavras:

«Dentro do quadro progressivo *(das forças naturaes que actuam no sentido progressivo)* podemos conceber forças negativas. Mas conhecemos o processo que os organismos empregam para inutilisar qualquer degenerescencia: processo de eliminação que não faz parar a marcha do progresso.»

Embora tenhamos este principio como uma lei natural, da nossa parte não deve haver hesitações, contrapondo sempre *a nossa moral* aos principios do reacionarismo. Assim apressaremos a ruina definitiva dos ideaes do passado.

Podemos agora resumir num quadro esquematico os principios defendidos da moral da Solidariedade·

Interdependencia das forças naturaes:

Produzindo { a Solidariedade natural
a Solidariedade social.

Solidariedade natural } bases da Moral social
Solidariedade social }

Meios porque se realiza a *Solidariedade*:

Egoismo } factores da *Sociedade*
Altruismo }

Sciencia — para se chegar á comprcensão da *ideia*—solidariedade.

Arte — para se atingir o *sentimento* — solidariedade.

*

Estabelecidos sumariamente os principios geraes da Moral social, resta-nos aplicar a teoria ao *nosso caso*. Para isso teremos, porem, de definir primeiramente as causas da nossa decadencia, estudando-as —por uma fórma muito rapida—sob o ponto de vista historico.

E' sabido que Portugal realizou no seculo XV e XVI a grandiosa empreza dos descobrimentos, contribuindo—pela visita a povos e civilisações exoticas, pelo aspecto de novas paisagens, pelo alargamento do mundo até então conhecido—para que a Renascença encontrasse imprevistos e ineditos temas de idealisação artistica, como o demonstrou Camões na sua epopeia genial — *Os Luziadas* —; e tomasse assim um brilho e um rigor incomparaveis. Pedro Nunes, sobre outra fase da influencia de descobrimentos dizia em 1537 no seu *Tratado em defensam da Carta de marear:* «Nam ha duvida que as navegações d'este Reyno de cem ãnos a esta parte são as mayores, mais maravilhosas: de mais altas e mais discretas conjeyturas, que as de nenhuma outra gente do mundo. Os Portuguezes ousaram cometer o grande mar Oceano. Entraram por elle sem nenhum receo Descobriram novas ylhas, novas terras, novos mares, novos povos; e o que mais he: novo céo e novas estrellas. E perderam-lhe tanto o medo que: nem á grande quentura da torrada zona, nem o descompassado frio da extrema parte do sul, com que os antigos escriptores nos ameaçavam, lhes póde estorvar; que perdendo a estrella do norte e tornando-a a cobrar: descobrindo e passando o temeroso Cabo da Boa Esperança, o mar da Ethyopia, da Arabia, da Persia, poderam chegar á India. Passaram o rio Ganges tão nomeado, a grande Trapobana, e as ilhas mais orientaes. Tirarã-nos muitas ignorancias e amostraram-nos ser a terra mór que o mar e haver hi Antipodas, que até os santos duvidavam; e que não ha regiam que nem per quente nem per fria se deixe de habitar. E que em hum mesmo

clima e egual distancia da equinocial, ha homens brancos e pretos e de mui differentes calidades. E fezeram o mar tam cham que nam ha quem hoje ouse dizer que achasse novamente alguma pequena ylha, algus baxos, ou sequer algum penedo, que por nossas navegações nam seja já descoberto.

«Ora manifesto é que estes descobrimentos de costas, ylhas e terras firmes nam se fizeram indo a acertar; mas partiam os nossos mareantes muy ensinados e providos de estormentos e regras de Astrologia e Geometria, que sam as cousas de que os Cosmographos ham de andar apercebidos... Levavam cartas muy particularmente rumadas, e não já as de que os antigos usavam, que não tinham mais figurados que doze ventos e navegavam sem agulha». *(citado por Teofilo Braga no seu «Camões»).*

Vê-se pelo trecho transcrito o altissimo valor, reconhecido pelos proprios coévos, do arranco dos portuguezes. Foi, sem duvida, uma empreza colossal para tão diminuto numero de homens, que a realizaram legando ao mundo de então novos e incomensuraveis mundos. O homem adquiriu maior consciencia de si proprio, do seu valor moral, com este contácto mais intimo com a Natureza. A sua dignidade pessoal aumentou, como se revela até na pintura e escultura do cincocento se as compararmos com as do quatrocento. (Vide *L'art Classique initiation au génie de la Renaissance Italienne,* de H. Wôlflin, tradução franceza). O mundo não era já a estreita faxa de terra, que se pizava, mas estendia-se atravez do largo Oceano até essas terras de sonho, onde a riqueza brotava a cada passo, simbolisada nas pepitas de oiro que as caudalosas correntes de rios equatoriaes arrastavam até o mar. Os imcomparaveis tesouros, mimosas obras de Arte que o Oriente guardava cioso, popularisavam-se na Europa. Os brocados, as tapeçarias, as louças, os xarões, as filagranas de ouro marchetadas de brilhantes, de pedrarias das mais preciosas, turvavam a imaginação dos artistas visionando scenarios de opulencia inconcebiveis. Por outro lado, a fauna e a flora nunca dantes vistas, os usos e costumes dos povos indigenas, o conhecimento scientifico da arte de na-

vegar (como se frisa na citação feita, de Pedro Nunes), a prova da esfericidade da Terra pela viagem de Magalhães: todos estes factos tiveram como ultimo rezultado o avigoramento da Sciencia, preparando a Europa para realizar a civilisação, que hoje fruimos.

A Igreja acompanhara desvanecida o movimento da Renascença, que em Leão X e Julio II encontrou os seus maximos protectores. A Côrte papal, dando guarida a Rafael e Miguel Angelo—e facilitando assim a realização das maravilhas das *stanza* do Vaticano, da Capela Sixtina e da cupula famosa de S. Pedro—excedia-se na sua missão espiritual, malbaratava as riquezas. que os fieis, vindos das mais afastadas terras, carreteavam pressurosos para os seus cofres.

Exgotada pelo luxo, Roma bateu moeda vendendo indulgencias.

E bem necessarias estas deveriam ser a esses grandes senhores, violentos, assassinos, prodigos, vivendo em palacios que grandes artistas ilustravam, enchendo-os de obras primas nunca sonhadas... Bem necessarias deveriam ser—para ganhar o ceu—a esses *condottieri* que espalhavam em volta de si a morte e o amor... Florença está cheia ainda, nas suas estatuas, nas suas Igrejas e muzeus, das recordações dos famosos Médicis.

Mas contra os abusos de Roma, negociando, traficando com os privilegios de que dispunha *na côrte celeste*, levantava-se o puritanismo critico dos povos do Norte, reprezentados — nas suas aspirações da liberdade de consciencia—pelo vulto asceta de Martinho Luthero. Surgiu deste protesto a Reforma, que tirou á obediencia de Roma grande parte da cristandade. Desencadeou-se então um enorme pavor no Vaticano. A Igreja, perante a heresia, vestiu-se de luto. Quiz resgatar pela humildade os seus pecados. Renegou a Renascença. Os templos despiram as suas galas, privaram-se dos quadros dos grandes mestres, da exuberancia dos lumes, da riqueza dos paramentos. As grandes orquestras emudeceram nos córos, substituidas pelo canto gregoriano, austero, cheio de unção mistica. Um estilo arquitectonico, o estilo da

Contra-Reforma, veio servir, com a sua rebuscada e pouco sincera singeleza, a causa de Roma.

Durou pouco, porem, este gesto apavorado da curia papal, porque a obsessão fanatica de Santo Inácio de Loyola veio trazer ao triunfo da fé católica uma milicia aguerrida, destinada a esmagar a Reforma, isto é, espirito critico que ameaçava subverter o edificio desconjuntado do Papádo e sepultar nos escombros toda a arraya miuda dos que viviam da especulação e do embuste calcados sobre a doutrina, sem duvida bela, dum pobre visionario nascido na fresca e virente Galileia. Aparece pois a terçar armas pelos negocios de Roma a numerosa e trabalhadora Companhia de Jesus, a invenção de Inácio de Loyola.

¿E que acontecia no entanto em Portugal?

O grandioso impulso dos descobrimentos esgotara as forças vivas da nação. As populações abandonavam os campos, convertidos em ermos, para embarcarem nos galeões e transportarem-se a essa India, de que todos falavam como dum paiz maravilhoso, onde a riqueza brotava, expontanea (visão dourada que ainda arrasta tantos miseraveis de hoje até o longincuo Brazil!); ou convergiam sobre Lisboa, atraidas pelo luxo desenfreado da fidalguia e da côrte.

Era o depauperamento das forças economicas...

Portugal fôra levado a essa grande empreza talvez pela fatalidade da sua posição geografica: ia abrir o caminho aos povos victoriosos do norte e assistir, a breve trecho, á queda da sua obra imortal!

O sr. Bazilio Teles, sem negar a importancia dos descobrimentos, defende a tése de que melhor fôra ter Portugal limitado os seus esforços ao territorio, que ocupava. Pelo desenvolvimento agricola teriamos talvez chegado a formar um paiz como a Holanda...

Mas não aconteceu assim e temos de aceitar os factos como se déram. O que é certa é a queda economica da nação, apezar das riquezas imensas carreteadas para o porto de Lisboa pelos galeões da India; é o esgotamento das forças vivas, a especie de misticismo, de descrença, de fatalismo morbido, que invade o organismo nacional depois dos descobrimen-

tos e de que se faz éco o proprio Camões no seu livro imortal...

As riquezas do Oriente desnortearam por completo às classes dirigentes. Atirava-se o ouro á face da Europa atonita, como nessa ultra-faustosa embaixada, que o rei D. Manoel enviou á Côrte de Roma. Esmagava-se a Senhoria de Veneza, arrancando-lhe o emporio comercial e transplantando para Lisboa a visão do Oriente, que fôra até ali um monopolio da cidade das lagunas: o nosso porto era—foi durante uns escassos anos—como que uma floresta de mastros de navios, que aqui vinham descarregar ou buscar as especiarias. A nossa famosa Rua Nova resplandecia de luxo nos seus estabelecimentos, nos cortejos de fidalgos atravessando para o Terreiro de Paço a assistir, a tomar parte nas corridas de touros, nas liças e jógos da Côrte. Os palacios dos reis, as Igrejas e Conventos, opulentavam-se com obras de arte, que infelizmente o terramoto de 1755 quasi por completo destruiu. Gil Vicente, Camões, Garcia de Rezende, nos famosos Autos, na custodia dos Jeronymos, nos Luziadas, nessa linda Torre de S. Vicente: — são marcos miliarios da estrada, que a nossa patria seguira até ali e que não ia ter seguimento... Outros povos se nos substituiram.

Nós ficámos quedos, com os olhos postos no passado e sem animo para forçar o futuro. Daí até hoje, a nossa energia não terá continuidade. Será como os relampagos do farol, que ao longe dirige o navio até posto seguro. Deslumbrará o mundo como na epopeia de 1640 e anos seguintes, como no arranco de 1807 a 1814, para logo cair *na apagada e vil tristeza*...

¿A que deverá atribuir-se a decadencia de Portugal?

Na nossa opinião, á deféção miseravel da classe dirigente, ao facto de termos conservado na mais crassa ignorancia um povo, que possue aliás as mais admiraveis qualidades de resistencia e de sobriedade—brilhando sempre quando é bem conduzido como muitas vezes—e já citamos alguns factos nesse sentido—o tem demonstrado.

A nossa classe dirigente entregou-se, foi cair na

mão do jesuita. Foi esta a causa historica, a par da ignorancia popular e da tremenda crise economica, de termos sido desviados da corrente ascencional da civilisação europeia, seguida pelos povos do norte.

Para esmagar a nossa originalidade tivemos primeiro a entrada da Inquisição, autorisada pela bula de 23 de maio de 1536. Como diz o sr. dr. Teofilo Braga, D. João III afirmava que trocava gostosamente o seu titulo de rei pelo de inquisidor geral. Começam desde esta funesta data as perseguições contra os cristãos novos. Proibiam-se as traduções da biblia, a entrada de livros estrangeiros, porque poderiam ser portadores da heresia da Reforma. O espirito publico sofria uma forte depressão, caindo nessa tristeza notada por Gil Vicente, quando diz que as «cantigas do prazer acostumado, todas teem som lamentado» (*Curso de historia da Literatura Portuguesa*, do sr. dr. Teofilo Braga). Em 1540 o dr. Diogo de Gouveia recomenda a D. João III a Companhia de Jesus. O rei recebeu os padres, que lhe enviou Inácio de Loyola e recomendou-lhes que «tomassem muito a seu cargo o cuidado dos moços fidalgos que trazia em seu paço, para que os doutrinassem nos bons costumes e os instruissem em toda a christandade» *(obra citada)*. Em 1542 Inácio de Loyola manda para Portugal mais padres e Simão Rodrigues dirige-se para Coimbra, onde funda o Colegio das Artes. Para aliciar os estudantes, o padre Manoel Godinho andava «vestido em trajos de estudante, para que d'esta maneira o admitissem pelo habito, alem de ser mais conhecido pela pessoa» *(obra citada)*. Quando em 1550 D. João III foi a Coimbra, visitou o Colegio das Artes, que já contava então 40 alunos de teologia. Os jesuitas tentam logo em vão apoderar-se da Universidade. O cardeal — infante D. Henrique procura fundar em Evora uma outra Universidade em oposição á de Coimbra: em 1 de Novembro de 1559 inaugura-se o novo estabelecimento, que já em 1563 era equiparado em privilegios á Universidade de Coimbra. Em Lisboa dominam os padres da Companhia na sua Igreja de S. Roque, que levantam sobre a primitiva e pequena capela, pequena para a numerosissima

concorrencia que de todos os lados da cidade vinha assistir ás pregações famosas, algumas vezes feitas ao ar livre de pulpitos levantados á pressa sob a copada ramaria do arvoredo, que nessa epoca cobria aqueles celebres sitios...

Pouco a pouco a Companhia de Jesus vae apoderando-se da educação da classe dirigente, cultivando ao mesmo tempo como era—e é ainda—o espirito da seita, a ignorancia do povo fanatisado pelas predicas e sumptuosidades do culto, que se reveste novamente—passado o pavor da Reforma—do mesmo luxo estonteador dos tempos aureos. A Renascença religiosa, provocada na Europa meridional pelo triunfo dos jesuitas e do seu sistema de educação, atinge o auge, entre nós, com D. João v e traduz-se perfeitamente nos monumentos que esse rei nos legou—a Capela de S. João Baptista em S. Roque e o Convento de Mafra.

Vejamos agora o que é essa tão falada pedagogia, que bem alto levantou a fama da Companhia de Jesus, no parecer dos seus amigos.

A digressão servirá para avaliar a influencia de tal sistema educativo na decadencia nacional.

Utilisar-nos-êmos do excelente livro de G. Compayré—*Histoire de la Pedagogie*—para a rapida exposição e ordenação do assunto.

Organisada a Companhia de Jesus, Inácio de Loyola pretendia formar uma milicia combatente, um verdadeiro exercito catolico, cujo duplo fim fosse o conquistar novas provincias para a fé pelas missões e o conservar as antigas pela direção da educação. A Companhia de Jesus foi consagrada pelo papa Paulo III em 1540 e desenvolveu-se rapidamente. Em 1710 os jesuitas dirigiam 612 colegios e um grande numero de universidades. Até ao fim do seculo XVIII conservaram intacto em suas mãos este estranho predominio nas cousas de educação.

Nada escreveram os jesuitas sobre os principios e fins da educação. Redigiram apenas, com uma minucia e pormenores inexcediveis, os seus regulamentos escolares. Em 1599 publicaram o *Ratio studiorum*

onde ha um completo programa escolar, que ficou sendo o codigo pedagogico da congregação. Houve depois da parte da Companhia algumas concessões aparentes ao espirito do seculo, sem nada, porem, se sacrificar do espirito da seita, sem se renunciar ao fim inflexivel. Em 1854, o Geral da Ordem, o celebre padre Beckx, declarava solenemente que o *Ratio* continuava sendo a regra imutavel da educação jesuitica.

Pormenor interessante é este: a Companhia de Jesus desprezou sempre a instrução primaria, a instrução do povo. Cuidava apenas da educação das classes dirigentes pelos seus colegios e universidades. Em parte alguma fundou uma aula de primeiras letras. Nos seus colegios de instrução secundaria chega a confiar as classes inferiores a professores leigos. ¿E porque praticava e pratica assim? Porque, em verdade, os jesuitas não querem a instrução do povo; desejam apenas dominar a sociedade por meio daqueles que hão de ocupar os primeiros logares. Eles não querem formar *homens* mas automatos, que poderão ser pessoas amaveis, bem educadas para a convivencia das salas — incapazes, porem, de dirigir-se e de dirigirem. A cultura intelectual é a seus olhos apenas uma conveniencia imposta, a que teem de obedecer certas classes; mas essa cultura não é boa por si propria; torna-se até má, convertendo-se numa arma perigosa em certas mãos. A ignorancia do povo é a melhor salvaguarda da sua fé e a fé é o fim supremo.

Foi principalmente pela instrução secundaria que a Companhia de Jesus conseguiu influir na educação, obtendo resultados assinaláds. O latim e o grego são a base do seu ensino. Escrever em latim é o ideial que os jesuitas propoem aos seus discipulos. Daí a proscrição da lingua materna.

O *Ratio* é bastante concludente a este respeito: a lingua nacional era só autorisada nos dias de festa. Daí tambem a importancia dada aos exercicios de composição latina e grega, á explicação dos autores, aos estudos da gramatica, da rétorica e da poetica. Mas note-se que os jesuitas só confiam aos seus discipulos excertos escolhidos, edições *expurgadas de er-*

ros... Desejam eles sempre apagar dos livros antigos tudo o que caracterisa a epoca historica... Poem em destaque, sim, as sonorosas tiradas de eloquencia, os belos trechos de poesia.

Parece que teem medo dos proprios autores; receiam que os discipulos vão encontrar neles o velho espirito humano, o espirito da Natureza. De mais, na explicação dos autores dão maior importancia ás palavras do que ás cousas. Dirigem a atenção dos discipulos não sobre as ideias mas sobre a elegancia da linguagem, a finura da elocução, sobre a fórma emfim, porque a fórma não é de qualquer outra religião e em cousa alguma póde fazer sombra á ortodoxia catolica.

Os jesuitas receiam despertar a reflexão, o raciocinio. Acima de tudo preocupados com estudos de pura fórma, sacrificam inteiramente os estudos concretos. Entre nós, os jesuitas de S. Fiel blazonavam a sua sciencia numa revista *A Broteria*. Mas repare-se bem na qualidade dos seus trabalhos, das suas investigações: ocupam-se quasi exclusivamente de sciencias descritivas, daquelas que demandam *menos atenção* e maior paciencia, daquelas que permitem a larga ostentação das montras dos Muzeus escolares, onde aliás dormem o sono dos justos os aparelhos de fisica e de quimica...

A historia é quasi banida do Colegio jesuitico. "A historia, diz um padre jesuita, é a perda daquelle que a estuda." Esta omissão sistematica dos estudos basta para esclarecer a pedagogia facticia e superficial da Ordem...

As sciencias e a filosofia são alvo do mesmo desprezo. Os estudos scientificos são proscritos das classes inferiores e o discipulo cursa a aula de filosofia... tendo apenas estudado as linguas antigas. A filosofia fica reduzida a um esteril jogo de palavras, a discussões subtis, ao comentario de Aristoteles. A memoria e o raciocinio silogistico são as unicas faculdades postas em exercicio. Nada de factos, nada de inducções, nada de observação da naturesa. Os jesuitas mostram-se, nas minimas cousas, inimigos do progresso.

Intolerantes para tudo quanto representa uma novidade, procuram imobilisar o espirito humano.

A Companhia de Jesus introduziu nos seus colegios mais ordem e compustura do que aquela que reinou, ao tempo, nos estabelecimentos universitarios. Procurou recrear os alunos, proporcionando-lhes representações teatraes, excursões nos dias de festa, exercicio de natação, de equitação de esgrima. Doirava assim as grades da gaiola, onde encerrava as suas victimas. Mas, em compensação, afastava o aluno da familia, incutindo-lhe ideias monstruosas pela leitura de livros como o da Vida de S. Luiz Gonzaga, onde se encontra um trecho de biografia identico ao que abaixo transcrevemos, relativo a um celebrado membro da Ordem, J. B. de Schultaus:

"Sua mãe visitou-o no colegio de Trento. O aluno recusou apertar-lhe a mão e não quiz até levantar os olhos para ela. A mãe, admirada e aflita, perguntou a seu filho donde vinha a frieza de semelhante acolhimento (?)

—Eu não olho para ti—respondeu o estudante, não porque não sejas minha mãe, mas porque és mulher...

E o biografo acrescenta:—Não era um excesso de precaução; a mulher conserva hoje os defeitos que tinha no tempo do nosso primeiro páe; é sempre ela que expulsa o homem do Paraizo!"

Quando a mãe de Schultaus faleceu, este não mostrou a menor comoção:

—Adotei ha muito tempo a Santa Virgem por minha mãe! disse ele...

O livro a que nos referimos, da vida de S. Luiz Gonzaga, era distribuido como premio de exemplar comportamento aos alunos do Colegio de Campolide.

Os jesuitas consideravam a emulação como uma das bases essenciaes da disciplina. Para efectivar este principio estabeleceram uma aluvião de recompensas escolares: distribuições solenes de premios, cruzes, fitas, insignias, titulos tirados á republica romana de *decuriões* e *pretores*. O aluno era ainda recompensado, não só pela sua boa conduta como pela má conduta dos condiscipulos, *se a denunciava*.

O *decurião* era o encarregado de fazer a policia da aula e podia até aplicar o castigo do chicote na ausencia do corrétor oficial, porque a Companhia de

Jesus usou das corréções corporaes, sendo os instrumentos preferidos o chicote e as váras. Declina, porem, sempre a missão de executor num leigo.

Os principios geraes da doutrina dos jesuitas estão em oposição completa ás ideias modernas. A obediencia cega, a supressão de toda a liberdade, de toda a expontaneidade, é o fundamento da sua educação moral:

Renunciar ás suas vontades proprias, dizem eles, é mais meritorio do que ressuscitar os mortos.—E' preciso ligar-nos tanto á Igreja romana que afirmemos ser preto, um objéto que ela nos diga que é preto, embora seja branco.—Se Deus te propozer por Senhor um animal privado de razão, não hesitarás em prestar-lhe obediencia, pela unica razão de que Deus assim o ordenou.—E' preciso deixarmo-nos governar pela Divina Providencia, praticando por intermedio dos superiores da Ordem, como se fossemos um cadaver, que possa colocar-se não importa em que posição ou tratar-se como se quizer; ou ainda como se fossemos um pau nas mãos dum velho, que dele se serve a seu belo prazer."

Quanto á educação intelectual, como a compreendem e executam, é absolutrmente facticia e superficial.

Encontrar para o espirito ocupações, que o absorvam, que o embalem como num sonho; chamar a atenção sobre as palavras de maneira a diminuir a intensidade do pensamento; provocar uma certa actividade intelectual prudentemente retida antes de chegar ao raciocinio, ao juizo; agitar o espirito bastante para que saia da sua inercia, mas muito pouco para que não possa actuar por si proprio, por um desdobramento viril de todas as suas faculdades: tal é, numa palavra, o metodo dos jesuitas.

*

Compreende-se perfeitamente agora o efeito duma tal pedagogia sobre as nossas classes dirigentes, desmoralisadas e debilitadas pelo contacto e pelo goso das fabulosas riquezas do Oriente. O esforço herculeo da raça portugueza fôra exhaustivo.

A nação sofrera ainda um golpe rude na sua economia e intelectualidade pela expulsão dos judeus no reinado de D. Manuel: eles levaram para longincuas terras, alem das suas fortunas pessoaes, muitos homens de alto valor scientifico.

Os jesuitas encontraram, portanto, um terreno feracissimo para a sua propaganda e predominio

¿Mas o povo?

Esse fica indemne do contagio, embora mergulhado na sombria escravidão da ignorancia. Fica como um enorme reservatorio de forças, incapaz — por si-proprio—de realizar, por falta de cultura, um vasto movimento de renovoção—vivendo ainda hoje a vida atrazada dos seculos idos. Foi um enorme erro da Companhia de Jesus— mas a nossa futura redenção —o facto de não ter atentado a valer na enorme força popular, de não ter procurado arrastal-a para a orbita da sua nefasta influencia.

O povo conservou-se o depositario fiel das altas qualidades dos nossos antepassados, da sua arte, da rija tempera de caracter. Sempre que ha ensejo de fazer brilhar essas virtudes, espanta o mundo com o espectaculo assombroso da sua valentia e generosidade, das suas faculdades de trabalho e de resistencia, que fazem dele o colono incomparavel ou o valente marinheiro, procurado e estimado por todas as grandes nações.

Para que estas imensas forças latentes de que Portugal ainda dispõe, possam actuar na corrente da civilisação moderna, é necessario crear uma consciencia nacional que, estribando-se nos principios da solidariedade, se oriente e fortaleça de modo a converter a nossa patria numa valiosa unidade social. Só pela organisação da Universidade poderemos chegar a atingir plenamente esse fim, dando um destino, uma directriz aos nossos esforços.

Organisada a Universidade Portugueza, onde se crie o espirito scientifico e o espirito artistico; reformados, remodelados os outros ramos de ensino, que urge expungir da influencia nefasta que ainda hoje sobre eles peza; elevado o professor primario á dignidade que lhe compete—poderemos então chegar até

o povo, que já não pode frequentar as aulas, pela extensão universitaria e pelas universidades populares, por outros muitos processos de cultura, cuja enumeração e justificação excedem os limites impostos a este breve e despretencioso estudo.

Não acreditamos na eficacia da doutrinação directa dos principios da solidariedade.

A moral não se prega, pratica-se. Poderá conhecer-se o bem e realizar-se o mal. Para que a Ideia e o Acto não se contradigam, é preciso que a Verdade obedeça sempre ao principio apoiado e examinado pela Inteligencia.

A teoria das emoções, conhecida pelo nome do seu autor Lange-James, faz-nos antever um processo logico de educação da Vontade. (Revista L'education no artigo «*Causeries á des étudiants*» n.º 4 do ano de 1913). Segundo essa teoria, as nossas emoções são devidas — na maior parte — ás excitações organicas que um objéto ou uma situação produzem em nós, por reflexo. Uma evocação de temor, por exemplo, ou de surpreza, não é produzida por efeito directo sobre o espirito pela presença d'um objeto; é o efeito produzido por um efeito anterior, isto é, a reação corporal que o objéto provoca extantaneamente. De maneira que, se fosse suprimida essa reação, nós não sentiriamos temor, mas julgariamos que a situação era *para temer;* não sentiriamos surpreza mas reconheciamos com frieza que a cousa é *surpreendente.*

Esta teoria explica-nos, por exempio, a contradição flagrante que as tropas em campanha oferecem com os seus acessos de valentia e de panico. No primeiro momento—*o do heroismo*—houve uma inibição psiquica das representações mentaes que mostram ao soldado as consequencias possiveis da situação—a morte ou pelo menos, a mutilação, que poderá inutilisa-lo para o resto dos seus dias; no segundo momento—*o da cobardia e do panico*—essas representações preponderam na consciencia, produzindo então a emoção de terror, a que não se resiste e se traduz no acto motriz da fuga. Numa e noutra fase a Vontade exercer-se-á pois em sentido de perfeito contraste.

A reforçar a primeira inibição a que nos referimos, poderão ter sido inculcados ao soldado representações mentaes, subsidiarias—mas valiosas, como as da gloria que para a Patria advirá com o sacrificio pessoal de seus filhos.... Essas representações mentaes, fortemente alicerçadas no espirito do soldado, determinarão o prolongamento em tempo do acto de Vontade, que se manifesta no caso sujeito pelo desprezo da morte.

Todo este processo psiquico se sistematisa, mais ainda, pelo desenvolvimento da atenção, que, ponderando as dificuldades, examinando, criticando e destacando os elementos favoraveis e desfavoraveis á ação, prepara friamente o triunfo da Vontade.

A Educação da Vontade consiste pois em não deixar predominar as representações mentaes inferiores (*inferiores* relativamente aos principios basilares da moral); em tornar mais fortes, mais vivas, mais consequentes as representações, que foram inculcadas em vista do ideial da Solidariedade, principio basilar da Moral social.

Não se deduza das nossas palavras, que relegamos a um plano subalterno a influencia do sentimento na educação da Vontade.

O sentimento terá o seu efeito maximo de coordenador de tendencias dispersivas e de estimulante do acto pessoal e colectivo, quando fôr determinado pela sensação de caracter artistico. Pensamos a este respeito que nunca será demasiada a influencia da Arte na educação do povo, mas da Arte que tenha um fim social, isto é, da Arte que evangelize os principios da Solidariedade.

A *Arte pela Arte* não deve ser o apanagio do povo; poderá servir, quando muito, para gozo de espiritos de eleição, dos *super-homens* se quizerem. Não tem outro destino no mundo onde vivemos e nos agitamos.

E' claro que admitimos, como meio de educação, tudo quanto tem sido e está sendo posto em pratica

pelos educadores no sentido de elevar o sentimento familiar e nacional.

Entre todos os processos usados, permitimo-nos neste momento destacar o *scoutismo* como uma das mais geniaes invenções pedagogicas dos tempos modernos.

O *scoutismo* não foi ainda compreendido perfeitamente entre nós e apreciado como merece pelo seu valor moral.

Por isso e para concluir, vamos novamente publicar as palavras. que sobre ele escrevemos na citada tese apresentada ao Congresso Internacional do Livre Pensamento, ultimamente reunido em Lisboa.

Uma das conclusões tambem se refere áquela instituição. Oxalá ela alcance a aprovação unanime deste Congresso e se converta assim num dos capitulos mais importantes dos programas das Escolas em que influimos:

«O exemplo dos processos empregados pelo sectarismo religioso deve sempre aproveitar-nos.

Todos temos visto a cerimonia da primeira comunhão. Todos temos presenceado a seriedade, a compostura com que geralmente as creanças se apresentam nesses actos do culto catolico.

¿Devemos atribuir tal, exclusivamente, á influencia religiosa propriamente dita? Não nos parece.

O dogma da comunhão é elevado de mais para poder ser compreendido por cerebros infantis. Ha forçosamente outra explicação a dar. E essa julgamos ser a de que aquela compostura e seriedade se deve ao facto de a crença se sentir lisongeada por ser tratada como *uma pessoa*. Desde aquele momento soléne sente-se *alguem*, porque mereceu atenções que—até ali—só estava costumada a ver dispensar *aos grandes*. A solenidade, se a chocou pelo imponente aspecto artistico de que foi revestida, impressionou-a tambem muito pelo facto apontado. Parece-nos isto incontestavel.

Nesta ordem de ideias, e sem de forma alguma querermos estabelecer pararelos que de resto só se-

riam favoraveis ao nosso caso, somos levados a preconisar a adóção do *scoutismo* nas escolas laicas.

O *scoutismo* é uma instituição adaptavel ao principio moral que defendemos, ao espirito em que desejamos vêr fructificar as escolas laicas.

Ele dirige-se ao cerebro como ao coração da creança; faz-lhe considerar com seriedade o problema da vida; inicia-a nos principios da *solidariedade*; eleva-a á compreensão, mais abstracta, do dever para com o semelhante e para com ela propria; fa-la abominar a mentira; excita-a á pratica sistematisada do bem social; é uma escola, emfim, de civismo e de honra.

Longe vão os tempos em que se acreditava, com Rousseau, que o homem era naturalmente bom. O homem tem de ser o que dele fizer a educação. *No scoutismo* encontramos uma escola de bondade. Rasão suficiente é esta para que o adótemos nas escolas laicas.»

CONCLUSÕES

I

A base da moral social encontra-se no principio da Solidariedade.

II

Egoismo e *Altruismo* não são principios antinomicos antes convergem ao mesmo fim: não se compreendendo a sociedade perfeita senão quando o desenvolvimento individual e nacional tiverem atingido a maior grandeza presumivel.

III

Sciencia e *Arte* são meios para se atingir a *ideia*—solidariedade e se realizar o *sentimento*—solidariedade. Uma determina o advento da consciencia nacional; outra o acordo dos espiritos na pratica do bem e da justiça.

IV

Pela Universidade crear-se-á o ideial nacional. A organisação dos outros ramos de ensino deverá ser orientada de forma a contribuir para a formação da individualidade. Cada um dos gráus de instrução — primario e secundario — deverá resumir um plano completo de educação geral, variando apenas na intensidade e largueza do saber.

V

A doutrinação dos principios moraes nunca deverá fazer-se ostensivamente mas por processos indirectos.

VI

A *extensão universitaria* e a *universidade popular* são os melhores processos de educação popular. Pela *extensão universitaria* o povo é posto em contácto, directamente, com os homens de sciencia e adquire os conhecimentos indispensaveis ao desenvolvimento consciente da sua personalidade; pela *universidade popular* sistematisa-se e solidifica-se o saber por meio de cursos regulares e até de frequencia obrigatoria. Na *universidade popular* o concurso da Arte é dum valor inestimavel nas representações do teatro de educação, nos concertos musicaes, nas conferencias de caracter estético. A *universidade popular* é um foco de sociabilidade e póde ser um terrivel concorrente das tabernas e casas de jogo.

VII

A *Escola* e a *Familia* devem aproximar-se e conjugar os seus esforços no sentido de levantar a dignidade do Cidadão e do Lár. Na Escola cria-se o *homem*; na Familia o *homem* deve ser o mais alto representante das virtudes sociaes, que teem o seu fundamento na — *Solidariedade*. A aproximação da Familia e da Escola faz-se por processos indirectos: reuniões com os professores para discussão dos interesses particulares relativos á educação a ministrar; recitas do teatro infantil; festas escolares; excursões ao campo; aulas—passeios, etc.

VIII

Devem ser adótadas todas as instituições que tenham por fim levantar o nivel moral da creança.

Os recreatorios post-escolares e o *escoutismo* são meios, entre outros, para realizar em toda a sua beleza e sinceridade uma **obra** de educação moral.

Lisboa, 22 de Abril de 1914.

J. Cardoso Gonçalves

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
BJ
0020505

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 09 22 04 002 3